

A UMA CRIANÇA

Que importa criança,
que a tua esperança,
tão meiga, tão doce,
nas asas se fosse
do tempo veloz?...
Sossega, inocente,
não turves a fronte
co'as bagas do pranto,
quebrando o encanto
que um anjo lhe pôs!

O lírio do prado
não geme, não chora
se o rócio adorado
dos seios da aurora
um dia não vem,
e o anho que morre
de fome no inverno,
se acaso não corre
o leite materno,
é mudo também.

Não chora a andorinha
que volta sozinha
das plagas do exílio,
em busca de auxílio
nos campos natais;
não chora, se o tecto,
se o lar predilecto
encontra lançado,
revolto e estroncado
por terra entre os mais.

Só tu com gemidos
e queixas profundas...
e os olhos doridos
só tu os inundas
dum pranto que é vão!
Porque é que em desgostos
inúteis te lanças?!
Não vês como os rostos
das outras crianças
alegres estão?

O cálix da vida
já tem tal medida
de angústia e pesares...
E tu a juntares
mais prantos e dor...
De rosto jucundo,
na senda do mundo
que a Mente Divina
co'amor te destina,
caminha, valor!

Julgavas, criança,
raiasse constante
um sol de bonança,
formoso, brilhante,
sem núvens, sem véu?
Engano, quimera!
Feliz primavera
na terra não dura...
Perfeita ventura
somente no Céu!

(Em Bragança, em 1935, por ocasião da récita realizada pelas alunas das Escolas de Ensino Primário no salão da J.C.M. em benefício da Obra dos Patronatos fundada pelo Cônego Formigão.)